

A UTOPIA EUROPA EM EDUARDO LOURENÇO

*Maria Manuel Baptista***

*«[Pessoa é] o criador de um novo olhar poético,
o inventor do sorriso no meio do desastre,
do sentido imaginário no interior
do sem-sentido absoluto e do naufrágio»
EDUARDO LOURENÇO, 1984*

*“Pensa-se contra o humanismo porque ele não instaura a
humanitas do homem numa posição suficientemente alta».
HEIDEGGER, 1946*

Dotada de excessiva **realidade**, mas simultânea e paradoxalmente carenciada de fecunda **fantasia**, a ideia de Europa sofre hoje de um *déficit*, quer da vivência mítica da sua ideia, quer de um pensamento utópico que a permita ‘re-sonhar’. Nela se cruzam e projectam as mais diversas concepções políticas, históricas e filosóficas, tendo-se tornado topos e sintoma da profunda crise e impasse em que a cultura europeia está hoje mergulhada.

Quem quer que assista a um evento do género daquele em que nos encontramos, não pode deixar de constatar um tal estado de coisas, ficando-se mesmo com a impressão de que a Europa, a ser possível um dia, não parece reunir hoje qualquer espécie de consensual denominador comum, para além da constatação da sua instrumentalidade como Mercado Económico (e ainda assim...). Apetece perguntar, com Eduardo Lourenço, «Quem quer ainda a Europa?»¹.

** Toda a correspondência sobre este artigo deve ser enviada para Maria Manuel Baptista, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 3810 Aveiro, Portugal, ou para o seguinte endereço electrónico: mbaptista@dlc.ua.pt

¹ LOURENÇO, Eduardo, “Quem Quer (ainda) a Europa?”, *A Europa Desencantada — Para uma Mitologia Europeia*. Lisboa: Visão, 1994, 191-197.

Questão que provinda da pena de Lourenço, europeísta convicto, deixa um lastro de desalento, ambiguidade e perplexidade, mas também de urgente necessidade de interpelação dos europeus e da Europa. Talvez por isso valha a pena perscrutar o pensamento de «um europeu à procura da Europa»², como o próprio Lourenço se define, reflexão que, recusando o optimismo eufórico de alguns, se nega a embarcar no 'jangadismo de pedra' que outros propõem, pois que, quer uns quer outros, mais não fazem do que reeditar as velhas fórmulas ideológicas de uma cultura portuguesa que sempre esteve, real e simbolicamente, 'ao largo'.

Quanto a Lourenço, nada melhor do que as suas próprias palavras para definir o âmbito e a intensidade passional desta sua Utopia Europ: «aqueles que se crêem 'cidadãos do mundo' e se atribuem, com pouco custo, uma 'alma planetária' este sonho de uma Comunidade Europeia poderá parecer, simultaneamente arcaico e mesquinho. Talvez mesmo apenas uma nova versão do velho etnocentrismo imperialista da Europa. A sua paixão leva-os, por instinto, para o nacionalismo e o imperialismo dos outros. Porque não? A cada um a sua paixão. Não está proibido a um europeu à procura da Europa desejar, não menos apaixonadamente, que uma verdadeira Comunidade acabe por nascer, como espaço de liberdade para si mesma e para os outros»³.

1 — A evolução da ideia de Europa no pensamento de Eduardo Lourenço

Data já dos anos 40 o primeiro ensaio de Lourenço sobre a Europa, intitulado «Nós e a Europa ou o Diálogo que nos Falta»⁴. Nesse texto inaugural, é no humanismo e na universalidade da cultura europeia que o ensaísta escora a sua ideia de Europa, para, muito ao jeito da tradição instaurada pela Geração de 70, considerar que Portugal está longe de ser «Europa». Criticando abertamente as teses que a este respeito o escol da filosofia portuguesa defendia, Lourenço ancorava-se filosoficamente num existencialismo fenomenológico convicto, e ingenuamente, como concluirá mais tarde, humanista.

Com o final da Segunda Guerra Mundial e a tomada de consciência do Holocausto Nazi, a reflexão lourenceana acerca da Europa sofrerá uma inflexão definitiva: do horror pânico de uma tal Europa brotará uma reflexão dolorosa e dilacerada a braços com a gigantesca, mas iniludível tarefa de compreender e integrar o radicalmente inumano no seio de uma cultura que até então se auto-

² LOURENÇO, Eduardo, "Divagações de um Europeu à Procura da Europa.", *A Europa Desencantada — Para uma Mitologia Europeia*. Lisboa: Visão, 1994, 9-23.

³ LOURENÇO, Eduardo, "Divagações de um Europeu à Procura da Europa.", *A Europa Desencantada — Para uma Mitologia Europeia*. Lisboa: Visão, 1994, p.23.

⁴ LOURENÇO, Eduardo, "A Europa ou o Diálogo que nos Falta.", *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987, 7-17.

-representava como humanista. Tarefa impossível de levar a bom porto, pois que não há síntese hegeliana que comporte tal horror. A oposição trágica manter-se-á irreduzível e só a crítica cultural de Nietzsche, em parte retomada por Heidegger, lhe permitirá recusar de uma só e definitiva vez todo o humanismo ocidental, toda a ética da boa consciência ou das boas intenções, toda a utopia que, fundada numa pretensa legitimidade racional, não apenas se quer como ideal mas exige, para se instaurar, a supressão da contradição.

Encontramo-nos assim, com Eduardo Lourenço, no cerne de uma das mais profundas crises da cultura europeia, situação verdadeiramente fundadora de tudo aquilo que constitui o mais relevante da sua produção filosófica. Assis-tiremos, a partir daqui, a uma reflexão filosófica de considerável ressonância heidegareana, a qual encontra na linguagem poética de Fernando Pessoa uma incessante fonte de perplexidade, mas também de fecunda renovação ontológica e existencial.

2 — A Europa Pós-Humanista e Pós-Metafísica

Uma das influências mais importantes na obra de Lourenço, e no entanto das menos assumidas pelo próprio, é a filosofia do Heidegger de *Ser e Tempo*: recusa de toda a forma de psicologismo, crítica da racionalidade instrumental que atravessa a cultura ocidental, recuperação da ontologia como solo de onde brota naturalmente a metafísica, carácter ontológico e metafísico da linguagem, enquanto lugar de desvelação do Ser e recuperação da questão do sentido como fonte inesgotável do questionamento filosófico, eis alguns dos aspectos mais importantes de encontro entre a filosofia heidegariana e a reflexão de Lourenço.

Na verdade, tudo aquilo que na filosofia heidegariana parte da fenomenologia, bem como as temáticas cuja inspiração remonta a Nietzsche, tem particular relevância no ensaísmo lourenceano, seja para lhe exaurir todas as possibilidades de sentido, seja para inverter esse mesmo sentido.

Basta a leitura dos textos heidegarianos «O que é a metafísica?»⁵ e «Carta sobre o humanismo»⁶ para se compreender quão profunda é a presença do filósofo alemão na obra lourenceana. Da crítica do fundamento à instauração de uma analítica do *dasein* (este entendido como projecto), da angústia face ao destino do Ser à recusa da metafísica como efectiva possibilidade de questionamento do Ser, da leitura da história como desvelamento do sentido à concepção

5 HEIDEGGER, Martin, "Qu'est-ce que la métaphysique?", *Questions I*. Paris: Gallimard, 1969, 21-84.

6 HEIDEGGER, Martin, *Carta Sobre o Humanismo*. (Trad. Pinharanda Gomes e Arnaldo Steiner), col. Filosofia e Ensaios. Lisboa: Guimarães Editores, 1980 2°.

da linguagem poética como «(...) advento iluminador-velador do ser»⁷, são múltiplos os enfoques heidegarianos presentes em Lourenço. De entre eles, destacaremos aqui dois, pela importância que têm na reflexão lourenceana sobre a Europa: em primeiro lugar, a crítica radical do humanismo e de toda a metafísica ocidental, e, num segundo momento, a filosofia da linguagem de Heidegger, brilhantemente explicitada na linguagem poética de Fernando Pessoa.

2.1 — Uma Europa Não-Humanista

No que respeita à recusa do humanismo ocidental, a posição de Eduardo Lourenço encontra-se perfeitamente definida num ensaio datado de 1967 que serve de prefácio à tradução portuguesa de: *As Palavras e as Coisas*; de Michel Foucault⁸. Aí, posicionando-se claramente contra o existencialismo humanista sartreano, e entendendo a foucaulteana proclamação da morte do Homem na linha do anti-humanismo de Heidegger (que não numa perspectiva puramente estruturalista de abolição do sujeito), Lourenço considera que o fim do humanismo «(...) não é o fim do Homem em sentido banal de um apocalipse orgânico ou antropológico, mas de uma sua 'imagem'»⁹.

A 'imagem' a que Lourenço se refere é precisamente a do sujeito uno, auto-determinado e auto-consciente, entidade cuja morte havia sido preparada sucessivamente por Nietzsche, Freud, Heidegger, Lacan e proclamada por Foucault (este último, com a significativa vantagem de propor uma nova metodologia para a história da cultura — a *arqueologia* — completamente anti-hegeliana, porque totalmente não dialéctica, e a qual é pressuposta por Lourenço nas suas análises de hermenêutica cultural).

Do ponto de vista da construção da ideia da Europa, ou de uma Europa como projecto, importa sublinhar que o anti-humanismo lourenceano não implica a ausência de valores nem mesmo de um papel determinante para o homem europeu de quem depende inteiramente que a Europa se cumpra ou não. Tal como Heidegger afirma, «(...) o humanismo é isto: meditar, e cuidar para que o homem seja humano e não desumano, inumano, isto é, situado fora da sua essência»¹⁰.

⁷ op.cit., p.60

⁸ LOURENÇO, Eduardo, "Michel Foucault ou o Fim do Humanismo.", *As Palavras e as Coisas*, Michel FOUCAULT. Lisboa: Portugália, 1968.

⁹ LOURENÇO, Eduardo, "Michel Foucault ou o Fim do Humanismo.", *As Palavras e as Coisas*, Michel FOUCAULT. Lisboa: Portugália, 1968, p.19.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin, *Carta Sobre o Humanismo*. (Trad. Pinharanda Gomes e Arnaldo Steiner), col. Filosofia e Ensaio. Lisboa: Guimarães Editores, 1980 2ª., p.8

Assim, e na linha da filosofia heidegareana, o que se recusa para o homem europeu e para a Europa é a concepção tecnicista do conhecimento, e a sua aparentada e correlativa objectivação na metafísica, bem como a utilização meramente instrumental da linguagem, razão pela qual lhe escapa constantemente a verdade do Ser. Recusar o humanismo não é então defender o inumano, o irracionalismo ou a barbárie, mas tão só recusar a tradicional imagem do homem que se esconde sob os mais diversos humanismos metafísicos, do grego ao romano, do cristão ao marxista, do kantiano ao existencialista, quer eles sejam de cariz iluminista e racionalista, quer positivista ou biologista.

A Europa de Lourenço seria, assim, aquela que se recusa partir de uma qualquer ideia tradicional de Homem, de, Razão e de Verdade, e que, nesse sentido, recusa toda carga semântica que o conceito de humanismo carrega. Recusando o eurocentrismo dos intelectuais europeus até meados do século XX, Lourenço aposta naquela verdade que, não tendo origem no homem, só a ele é acessível porque apenas a ele o atravessa, fonte inesgotável de um verdadeiro pensar onde enraíza precisamente a linguagem poética e mítica.

Não admira, por isso, que a reflexão lourenceana sobre a Europa (como a propósito de tantos outros assuntos) passe necessariamente por uma mítica poiética, lugar de desvelamento da verdade que, em sua opinião, ninguém melhor do que Pessoa foi capaz de, tragicamente, encarnar.

2.2 — Linguagem, Mito e Poesia

Uma vez eclipsada qualquer veleidade humanista, qualquer tentativa de encontrar um sentido linear, dialéctico e teleológico na história, Lourenço parte à descoberta do que na Europa foi ficando na sombra, realidade esquecida ou recalçada, levando a cabo uma actividade hermenêutica inspirada claramente em Nietzsche, Heidegger e Foucault. Aí recolhe os sentidos do humano que se encontram plasmados na mitologia europeia, reconduzindo-os à sua origem e estatuto poiéticos.

Recusando a abordagem estruturalista, é a hermenêutica que antes de mais lhe interessa, procedendo a uma fenomenologia, já não do espírito ou da consciência, mas de tudo aquilo que está para além do dito e do exposto e que pode ser detectado nas relações (agora fracturadas) entre linguagem e consciência.

É neste contexto que Pessoa ocupa um lugar central na obra de Lourenço, pois que se trata da encarnação na cultura portuguesa (objecto de incessante desvelo lourenceano) de uma das descobertas mais importantes na transição da modernidade para a pós-modernidade. A pulverização do sujeito, que a heteronímia, assinala a volatilização do sentido, inaugura simultaneamente a tomada de consciência dos poderes mítico-poiéticos da linguagem.

A este respeito, a posição de Lourenço poderia ser perfeitamente sintetizada pela seguinte constatação de Heidegger: «Conhecemos sem dúvida muitas coisas sobre as relações entre a filosofia e a poesia. Mas nós não sabemos nada acerca do diálogo entre o poeta e o pensador, que ‘embora próximos vivem nos cumes mais separados’»¹¹.

Na verdade, o diálogo com a obra de Pessoa permitirá a Lourenço re-investir nos poderes da linguagem onírica e poética, passando a inserir-se numa das mais recorrentes linhas da cultura portuguesa: a vertente mítico-utópica, simbolicamente representada no mito do V Império, tal como ele nos é proposto pelo Padre António Vieira e reelaborado por Pessoa em *Mensagem*.

É que, tal como Vieira já havia adivinhado, o poder da palavra é infinito: nela, não é o sujeito que se diz, mas através dela «(...) somos mais ‘falados’ do que ‘falamos’»¹². Ou, em linguagem heidegareana, «a única tarefa do pensar é trazer à linguagem, sempre novamente, este advento do ser que permanece e em seu permanecer espera pelo homem»¹³.

Deste modo, a pessoana co-naturalidade da linguagem mítico-poética e do *sujeito* que nela se diz, encontra-se, na obra de Lourenço, com a heidegariana e foucaultiana recusa do humanismo.

São de Eduardo Lourenço as seguintes palavras: «(...) o lugar de Pessoa é algures entre Nietzsche e Samuel Beckett. As seduções do Humanismo foram-lhe estranhas como ao primeiro e, como ao segundo, glosou de antemão a ilusão que sob a própria morte do Humanismo se imagina reconstituir o sol sepulto. Sob toda a assunção positiva da existência humana descortinou a face do nada onde enraíza e para onde conflui, mas sob essa mesma noite primordial não desesperou do sol futuro e enigmático, ‘apesar da noite’»¹⁴.

4 — A Europa Mítico-Poiética de Eduardo Lourenço

Aqui chegados, não será de estranhar que Lourenço procure na **realidade** que a Europa é, e sempre foi, (cindida, múltipla, auto-corrosiva, dilacerada e em constante oposição interna), a **fantasia** de uma Europa que se volte a sonhar a si própria, não mais, como outrora, partindo de uma qualquer eurocêntrica concepção

¹¹ HEIDEGGER, Martin, “Qu’est-ce que la métaphysique?”, *Questions I*. Paris: Gallimard, 1969, p.84

¹² LOURENÇO, Eduardo, “Michel Foucault ou o Fim do Humanismo.”, *As Palavras e as Coisas*, Michel FOUCAULT. Lisboa: Portugália, 1968, p.18

¹³ HEIDEGGER, Martin, *Carta Sobre o Humanismo*. (Trad. Pinharanda Gomes e Arnaldo Steiner), col. Filosofia e Ensaios. Lisboa: Guimarães Editores, 1980 2ª, p.122

¹⁴ LOURENÇO, Eduardo, “Pessoa ou a Realidade Como Ficção.”, *Poesia e Metafísica — Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983, p.165

de homem ou de um ingénuo e bem intencionado humanismo, mas que seja capaz de se re-sonhar, reinvestindo na sua especificidade de uma forma mítico-poética, quer dizer, utópica.

Utopia que faz tanto mais sentido quanto hoje nos encontramos a braços com uma cultura mundializada, sem sujeito próprio nem efectiva vivência, completamente tecnicizada e alienada, mas cujo poder de sedução parece ser irresistível.

Na verdade, é contra essa cultura mundializada e hegemónica produzida pela cultura norte-americana (ironicamente, herdeira de uma certa cultura europeia, a qual os intelectuais europeus de hoje desprezam como filho bastardo, estando, no entanto, mais dispostos a aceitá-la quando vem revestida da panóplia ideológica dos Clintons e seus manes) que Lourenço ergue a 'Utopia Europa'.

Porque a crítica nietzscheana aos valores culturais da Europa continua ainda a fazer sentido, porque a recusa heidegareana da metafísica que se produziu no Ocidente desde Platão continua válida, porque Freud, Jung e Lacan não nos permitem mais acolhermo-nos à sombra de um sujeito racional que se auto-determina na e pela História, porque Foucault declarou já a morte do Homem e Pessoa nos ensinou a encontrarmo-nos nos fragmentos do que dele resta, a 'Utopia Europa' de Lourenço só será se se alimentar do imaginário poético europeu, quer dizer sob a condição de nunca se tornar completamente realidade, mantendo-se apenas como um 'ideal regulador' à boa maneira kantiana, ou antes, como uma esfera do imaginário e da crítica com capacidade para poeticamente fecundar o real.

BIBLIOGRAFIA

- HEIDEGGER, Martin, *Carta Sobre o Humanismo*. (Trad. Pinharanda Gomes e Arnaldo Steiner), col. Filosofia e Ensaios. Lisboa: Guimarães Editores, 1980 2ª.
- HEIDEGGER, Martin, "Qu'est-ce que la métaphysique?", *Questions I*. Paris: Gallimard, 1969, 21-84.
- LOURENÇO, Eduardo, "Divagações de um Europeu à Procura da Europa.", *A Europa Desencantada — Para uma Mitologia Europeia*. Lisboa: Visão, 1994, 9-23.
- LOURENÇO, Eduardo, "A Europa ou o Diálogo que nos Falta.", *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987, 7-17.
- LOURENÇO, Eduardo, "Michel Foucault ou o Fim do Humanismo.", *As Palavras e as Coisas, Michel FOUCAULT*. Lisboa: Portugália, 1968.
- LOURENÇO, Eduardo, "Pessoa ou a Realidade Como Ficção.", *Poesia e Metafísica — Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983, 163-171.
- LOURENÇO, Eduardo, "Quem Quer (ainda) a Europa?", *A Europa Desencantada — Para uma Mitologia Europeia*. Lisboa: Visão, 1994, 191-197.